OPEN ACCESS

ESCOLA DE HUMANIDADES
PUCRS

TEOCOMUNICAÇÃO
Revista da Teologia da PUCRS

Teocomunicação, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2026
e-ISSN: 1984-7726 | ISSN-L: 0101-3335

BÍBLIA, CATEQUESE E EVANGELIZAÇÃO

A partir do coração do Evangelho: a proposição do querigma hoje

From the Heart of the Gospel: Proclaiming the Kerygma Today

Desde el corazón del Evangelio: la propuesta del kerigma hoy

Mariana Aparecida Venâncio[1]
orcid.org/0000-0003-4563-0260
mariana.venancio@pucrs.br

Recebido em: 10 jun. 2026.
Aprovado em: 26 jun. 2026.
Publicado em: 29 out. 2026.

Resumo: O presente artigo busca oferecer uma reflexão sobre o Querigma como anúncio fundamental da fé cristã, que deve ocupar lugar central na evangelização. Além de versar a respeito de seu significado, inspirando-se no exemplo das primeiras comunidades cristãs, o artigo retoma o Magistério recente, especialmente a *Evangelii Gaudium*, em que a necessária centralidade do Querigma é ressaltada. Por fim, a autora faz indicações a respeito do anúncio do Querigma ao mundo contemporâneo, reconhecendo desafios emergentes dos contextos atuais. A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo e os principais referenciais teóricos encontram-se no Magistério dos últimos papas – Bento XVI, Francisco e Leão XIV –, além das orientações do Dicastério para a Evangelização a respeito da Iniciação à Vida Cristã.

Palavras-chave: Querigma. Evangelização. Iniciação à Vida Cristã. *Evangelii Gaudium.* Anúncio.

Abstract: This article seeks to offer a reflection on the Kerygma as the fundamental proclamation of the Christian faith, which should occupy a central place in evangelization. In addition to addressing its meaning, drawing inspiration from the example of the early Christian communities, the article revisits the recent Magisterium, especially *Evangelii Gaudium*, in which the necessary centrality of the Kerygma is emphasized. Finally, the author offers indications regarding the proclamation of the Kerygma in the contemporary world, recognizing the challenges emerging from present-day contexts. The methodology adopted is qualitative bibliographic research, and the main theoretical references are found in the Magisterium of the most recent popes – Benedict XVI, Francis, and Leo XIV – as well as in the guidelines of the Dicastery for Evangelization concerning Initiation into Christian Life.

Keywords: Kerygma. Evangelization. Initiation into Christian Life. *Evangelii Gaudium.* Proclamation.

Resumen: El presente artículo busca ofrecer una reflexión sobre el Kerigma como anuncio fundamental de la fe cristiana, que debe ocupar un lugar central en la evangelización. Además de abordar su significado, inspirándose en el ejemplo de las primeras comunidades cristianas, el artículo retoma el Magisterio reciente, especialmente *Evangelii Gaudium*, en la que se subraya la necesaria centralidad del Kerigma. Finalmente, la autora ofrece algunas indicaciones acerca del anuncio del Kerigma al mundo contemporáneo, reconociendo los desafíos emergentes de los contextos actuales. La metodología adoptada es la investigación bibliográfica de carácter cualitativo, y los principales referentes teóricos se encuentran en el Magisterio de los últimos papas – Benedicto XVI, Francisco y León XIV –, además de las orientaciones del Dicasterio para la Evangelización sobre la Iniciación a la Vida Cristiana.

Palabras clave: Kerigma. Evangelización. Iniciación a la Vida Cristiana. *Evangelii Gaudium.* Anuncio.

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob a licença CC-BY 4.0, que permite a cópia e redistribuição do material em qualquer formato e para qualquer finalidade, desde que a autoria original e os créditos de publicação sejam mantidos.

[1] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

1 Introdução

No princípio de sua Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, o Papa Bento XVI (2005, n. 1) indicara: "Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo". Este é um princípio fundamental para compreender a evangelização conforme o Magistério recente da Igreja. O Papa Francisco (2013b, n. 164), na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium,* afirmou que a evangelização deve ser compreendida como proposição do querigma e convite ao seu aprofundamento. Na exortação, o pontífice propôs que o querigma "deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial" (Francisco, 2013b, n. 164).

Seguindo a inspiração dos pontificados anteriores, em sua primeira aparição, também o Papa Leão XIV (2025) expressou um compromisso com a centralidade do Querigma ao dirigir ao mundo a primeira palavra que o Ressuscitado dirigira à comunidade dos discípulos: "A paz esteja convosco" (Jo 20,19). Além disso, ele expressou uma certeza:

> Deus nos ama, Deus vos ama a todos, e o mal não prevalecerá! [...] Cristo vai à nossa frente. O mundo precisa da sua luz. A humanidade precisa d'Ele como ponte para poder ser alcançada por Deus e pelo seu amor (Leão XIV, 2025).

A experiência cristã está ancorada, necessariamente, no encontro com Jesus Cristo e, por isso, todo convite ao seu seguimento deverá partir da proposição deste encontro. Nenhum anúncio do Reino ou convite à salvação, no mundo contemporâneo, será eficaz se não começar pela apresentação de Jesus Cristo, de modo a possibilitar a experiência fundante de encontrá-lo.

O presente artigo pretende, inicialmente, aprofundar o significado do querigma na evangelização e na catequese, tendo como exemplo iluminador o anúncio das comunidades do primeiro século, registrado no Novo Testamento. Em seguida, refletir-se-á sobre o anúncio do querigma nos tempos atuais, reconhecendo desafios e oportunidades.

2 O significado do querigma

Nos escritos do Novo Testamento, o substantivo *kerygma* deriva do verbo *kerysso*, que significa anunciar. Ele corresponde ao termo hebraico *qᵉri'â*, presente, sobretudo, na profecia de Jonas, que está relacionado à raiz *qr',* cujo sentido é gritar, chamar. Assim, o querigma significa o anúncio singular de uma notícia, por um anúncio veemente, como um grito, um apelo. Na origem desse sentido, está a ideia de "manifestar-se, revelar-se, fazer-se presente" (Linder; Manicardi, 2022, p. 97). Então, concluímos que o anúncio do querigma é bem mais que a divulgação de uma informação, mas é um anúncio tão veementemente transmitido que tem a força de fazer presente e manifesto o que é anunciado.

A partir do contexto bíblico, as comunidades cristãs entenderam o querigma não como um anúncio entre outros, mas como o anúncio por excelência da fé cristã. Desse modo, afirma-se que querigma significa primeiro anúncio. É o primeiro não apenas em ordem, mas também em importância. Ele deve ser o primeiro anúncio proposto aos que ainda não professam a fé em Jesus Cristo ou àqueles que se afastaram da fé, mas deve também ser apresentado de modo recorrente mesmo aos que já aderiram à fé, porque é o núcleo que a mantém, é o núcleo sobre o qual a fé pode amadurecer e o discipulado pode se desenvolver.

Sendo, então, o núcleo fundamental da fé e, ao mesmo tempo, um anúncio que tem a força de manifestar quem é proclamado, o conteúdo do querigma é o amor de Deus comunicado em Jesus Cristo: nele, que morreu, foi sepultado, ressuscitou e permanece vivo conosco, conhecemos a plenitude do amor de Deus, que para nós se faz salvação. Assim, no anúncio dos apóstolos que se seguiu à Ressurreição, o acolhimento do querigma visava conduzir à adesão à fé em Jesus Cristo que, por sua vez, implica o desejo de progredir no caminho do discipulado e mergulhar mais profundamente na experiência do amor de Deus, reconhecendo o próprio pecado e a necessidade da graça, que se encontra na vida comunitária, lugar da experiência da graça

e do Espírito.

Os Atos dos Apóstolos guardaram o testemunho de como os primeiros discípulos logo encontraram no anúncio do querigma o método para despertar a fé daqueles que não conheciam Jesus. No início de sua narrativa sobre os primeiros passos da Igreja, Lucas registra o episódio do Pentecostes (At 2,1-13). Nele, reconhece-se a origem da Igreja porque, simbolicamente, no anúncio feito nas mais diversas línguas, a narrativa refere o discernimento que a comunidade cristã alcançou, à luz do Espírito Santo, a respeito de sua própria missão, concluindo, enfim, que o Evangelho devia ser anunciado a todos os povos. Esse discernimento, que é dom do Espírito, faz com que os apóstolos superem o medo e iniciem o exercício de sua missão.

Logo depois da narrativa de Pentecostes, o livro dos Atos dos Apóstolos se dedica a oferecer um panorama dessa missão, principiando pelo anúncio de Pedro, junto aos onze apóstolos, a uma multidão (At 2,14-36). Esse primeiro anúncio é a proposição do querigma, em uma das diversas formulações que aparecem no Novo Testamento. No discurso, Pedro começa citando a profecia de Joel. Decerto, sua audiência era composta, em maioria, por judeus que conheciam bem a esperança em um messias, anunciado nas Escrituras. Era importante que Pedro soubesse demonstrar que, em Jesus, as expectativas antigas se cumpriam e não eram invalidadas – essa era uma informação necessária àquela audiência para que o anúncio de Jesus fizesse sentido para eles e pudesse, então, atraí-los à fé:

> Homens de Israel, ouvi estas palavras: Jesus, o Nazareu, foi por Deus aprovado diante de vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus operou por meio dele entre vós, como bem o sabeis. Este homem, entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder (At 2,22-24)[2].

E, depois de mais um excurso pelo Antigo Testamento, demonstrando que Jesus supera até mesmo a memória de Davi, Pedro convida: "Saiba, portanto, com certeza, toda a casa de Israel: Deus o constituiu Senhor e Cristo, este Jesus a quem vós crucificastes" (At 2,36). Assim, a pregação de Pedro, primeira das que os Atos dos Apóstolos registram, é uma perfeita síntese do modo como os primeiros pregadores apresentavam Jesus: eles convidavam à fé por meio do anúncio daquilo que em Jesus era particular e que saciava o desejo por salvação intrínseco à sua audiência.

Por isso, todo o Novo Testamento está alicerçado no anúncio do Querigma e, embora seja comum procurar suas formulações específicas, como, por exemplo, em João 3,16 – "Pois Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3,16) – ou em Mt 1,23; Mc 1,15; Jo 10,10; Rm 4,25; 1Cor 12,3; 1Cor 15,3; Gl 2,20, toda a literatura neotestamentária, em especial as cartas paulinas e os Evangelhos, tem por objetivo a apresentação de Jesus a partir do núcleo pascal da fé, privilegiando o apelo específico a partir do qual o anúncio de Jesus podia impactar a sua audiência.

A diversidade de apresentações e formulações do querigma testemunha que a Igreja nascente compreendeu, desde cedo, que a experiência com Jesus Cristo, embora conduzisse à comunidade, era essencialmente pessoal. Cada pessoa era capaz de perceber de uma forma própria o mesmo Jesus que anunciavam, assim como de modos individuais ele mesmo havia se apresentado às pessoas de seu tempo. Mais que isso, o contexto cultural, social e religioso e, por consequência, as prioridades e buscas pessoais de quem ouvia o anúncio condicionavam o modo como cada um era capaz de acolher a comunicação do amor do Pai em um projeto de salvação destinado a todos e a cada um. A encarnação da pessoa do Filho se dá na história, em um contexto cultural, e, portanto, também a percepção que cada pessoa tem de Jesus está ancorada na historicidade. Isso implica que o querigma não se

[2] Neste artigo, as citações bíblicas são feitas conforme a tradução da Bíblia de Jerusalém (2006).

anuncie a partir de formulações prontas, mas a partir de formulações específicas, personalizadas de acordo com o interlocutor que é chamado a escutá-lo, que é um ser histórico e cultural.

3 A dinâmica do querigma

Há que se notar que o desenvolvimento do querigma nas primeiras comunidades cristãs não teve um motivo estratégico ou persuasivo, tampouco proselitista, mas foi resultado da força que há no próprio Querigma, enquanto Palavra de Deus propagada – o Querigma é dom do Espírito para o mundo e é suscitado nos primeiros anunciadores pela experiência pascal. O Diretório para a Catequese afirma, em sua Introdução, que o Querigma não é "um discurso articulado para convencer o interlocutor" (Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, 2020, p. 6). Ao contrário, afirma o Diretório que "partindo do núcleo da fé, a *lex credendi* abandona-se à *lex orandi* e, juntas, realizam o estilo de vida do crente como testemunho de amor que torna o anúncio credível" (Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, 2020, p. 6). Ou seja: o núcleo fundamental da fé, para que seja assim anunciado, não pode ser apenas aprendido intelectualmente, mas conduz à formulação experiencial e orante da fé, de modo a conduzir a pessoa de mero ouvinte a discípulo. Esse processo de acolhimento, segundo o Diretório, faz com que a pessoa seja envolvida "num processo de realização de si mesma, que leva a dar a resposta última e definitiva à procura de sentido" (Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, 2020, p. 6).

O Querigma é mais que um anúncio formulado pelo ser humano, mas é o eco da voz do próprio Jesus Ressuscitado, que se apresentou à comunidade, que continua a ressoar na boca daqueles que se deixaram moldar pela escuta dessa autoapresentação e, por isso, abriram-se ao exercício de um discipulado essencialmente missionário. O querigma é o anúncio veemente que torna presente e manifesto o Ressuscitado. Assim, a proclamação do Querigma só pode ser um desdobramento da experiência pessoal e comunitária com o Ressuscitado, motivada pelo encantamento e pelo entusiasmo, pela alegria verdadeira que "enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus" (Francisco, 2013b, n. 1), enfim, um impulso que brota da transformação e do encantamento provocados pela experiência de ser amado profunda e verdadeiramente.

Embora ressoe na voz humana, o querigma não é uma experiência puramente humana: o Espírito é quem vai primeiro quando a Igreja, em seus batizados, propõe o querigma. Os Atos dos Apóstolos registram o anúncio do Querigma por Pedro como um desdobramento imediato de Pentecostes que, por sua vez, marca o ápice da experiência com o Ressuscitado. Testemunhar a ressurreição de Jesus tinha colocado os discípulos em uma situação avassaladora, totalmente nova, em que medo, dúvida e espanto se mesclavam à paz e ao impulso missionário, introduzindo perfeitamente aqueles seguidores – pescadores, carpinteiros, coletores de impostos – no Mistério. Esse mergulho em um Mistério ainda incompreendido já fazia deles indivíduos transformados pela necessidade incontível de compartilhar com outros a experiência que haviam feito. No entanto, falar da grandeza desse Mistério lhes era praticamente impossível. Nesse sentido, o querigma emergiu, para eles, como a síntese suficiente e perfeita, porta de entrada para o Mistério. Afinal, nenhum discurso, nenhum milagre, nenhuma informação sobre a infância de Jesus podiam significar mais do que o anúncio de sua Ressurreição. Nada faria sentido a não ser a partir da manifestação definitiva do amor de Deus na Páscoa do Filho, que se fez salvação.

Nesse sentido, a experiência mais profunda do Mistério impulsiona o anúncio do núcleo mais fundamental da fé, o primeiro anúncio. Isso porque é ele o único anúncio que pode dar sentido à experiência mais profunda a que o discípulo é convidado. Assim, o querigma traz, essencialmente, um convite a um itinerário de progressivo amadurecimento, porque, embora precise ser o primeiro e seja o único com o poder de efetivamente despertar à fé, o querigma não

pode ser suficientemente compreendido e acolhido pelos não evangelizados. A experiência de Jesus Cristo abre-se gradualmente à pessoa, que mergulha pouco a pouco no Mistério da salvação e, ao longo da vida, aprofunda o conhecimento do Cristo que lhe foi anunciado no princípio de tudo. A fé é despertada pelo desejo de conhecer mais e melhor a Jesus Cristo.

4 Querigma e evangelização

A concepção de que a experiência com o Mistério do Ressuscitado impulsiona o anúncio do Querigma fundamenta a compreensão de que, em uma Igreja Povo de Deus, cuja porta de entrada é o Batismo, celebração da inserção da pessoa no Mistério Pascal de Cristo, a proposição do Querigma não é tarefa apenas de uns, mas de todos. Isso não deve ser compreendido como uma estratégia proselitista de anúncio, mas como uma abertura natural da Igreja à condução do Espírito que, com a graça, sustenta a propagação do anúncio e conduz mais e mais pessoas à fé. O Concílio Vaticano II (1964, n. 11) afirma que:

> [...] incorporados na Igreja pelo Batismo, são destinados pelo caráter batismal ao culto da religião cristã e, regenerados para filhos de Deus, devem confessar diante dos homens a fé que de Deus receberam por meio da Igreja.

Portanto, o mergulho no Mistério Pascal implica o impulso missionário do anúncio da fé.

Ainda que, no amadurecimento do discipulado, cada batizado vá discernindo o serviço a que é chamado para realizar sua parte na missão da Igreja, todo ministério – seja ele laical ou ordenado –, essencialmente fundado na dignidade batismal, parte do anúncio da síntese fundamental que dará sentido, antes de tudo, ao próprio Batismo. Dessa forma, aquele que anuncia não só busca abrir os ouvidos de novos discípulos, mas ouve ressoar o que anuncia e, assim, compreende a si mesmo como discípulo, fortalecendo sua adesão a Jesus Cristo e progredindo na inserção no Mistério em que foi introduzido pelo Batismo. O anúncio do Querigma não é uma tarefa dissociada do caminho de formação do discípulo, mas é um modo de alcançar a maturidade da adesão fundamental a Jesus Cristo.

Nesse sentido, o anúncio do Querigma tem a comunidade cristã como seu ambiente por excelência. A escuta e o acolhimento do Querigma devem conduzir à comunidade e, de igual forma, o anúncio do Querigma deve partir da comunidade de fé. É nela que cada pessoa recebe o suporte dos irmãos e irmãs e da graça de Deus para viver a vida nova em Cristo e, então, progredir no acolhimento e na resposta afirmativa ao Querigma. Por outro lado, o anúncio do Querigma é tarefa do sujeito comunitário que é a Igreja e, portanto, também uma questão de participação e corresponsabilidade.

Decorre disso que a busca contemporânea por uma Igreja que viva melhor a sinodalidade como sua dimensão constitutiva e seja, assim, cristocêntrica contribua para o restabelecimento de um compromisso com o Querigma como anúncio por excelência, como tarefa primeira do discipulado missionário. A certeza do amor de Deus impele ao estabelecimento de relações regidas pelo verdadeiro amor ao mesmo tempo em que se fortalece pela experiência desse mesmo amor, que na fraternidade tem uma expressão singular. O indivíduo de hoje busca uma comunidade, busca pertencimento, especialmente porque teme a ameaça da solidão.

A Igreja anuncia o Querigma, portanto, como um serviço ao mundo e ao tempo nos quais peregrina, porque apresentar as pessoas a Jesus é o seu primeiro e mais profundo gesto de amor – aquele mesmo amor que Jesus desejou que nos distinguisse como discípulos (Jo 13,35). Assim, em primeiro lugar, confiando na potencialidade intrínseca ao próprio Querigma, a Igreja o propõe aos que não creem para que a fé possa ser despertada; propõe-no, igualmente, aos que se afastaram da fé, para reavivar o fundamento da adesão a Jesus Cristo. É um gesto, também, de esperança no ser humano porque a Igreja que anuncia o Querigma é aquela que crê que toda pessoa carrega consigo a sede profunda de Deus.

A respeito do testemunho da boa-nova como missão da Igreja, já dizia São Paulo VI (1975, n. 22) na *Evangelii Nuntiandi*:

> [...] o mais belo testemunho virá a demonstrar-se impotente com o andar do tempo, se ele não vier a ser [...] explicitado por um anúncio claro [...] do Senhor Jesus [...]. Não haverá nunca evangelização verdadeira se o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus, não forem anunciados.

A Exortação Apostólica de Paulo VI (1975) sustenta a compreensão de que a proposição do Querigma não é sinônimo da evangelização, mas um de seus aspectos, o aspecto central – algo que será reafirmado, mais tarde, na *Evangelii Gaudium*. Isso significa que a evangelização tem outras tarefas que não deveriam ser compreendidas de modo linear, mas circular, irradiadas a partir da dinâmica de anúncio e acolhimento do Querigma. Nesse sentido, ele tem uma força propulsora e, ao mesmo tempo, atrai para si, uma vez que a finalidade da evangelização será sempre o aprofundamento cada vez maior do Querigma.

5 Propor o querigma hoje

A compreensão de que o Querigma deve estar no centro da tarefa evangelizadora da Igreja exige, ainda, o discernimento a respeito dos modos de propor o querigma no tempo atual. Atualmente, torna-se necessário compreendê-lo para além de um primeiro tempo na Iniciação à Vida Cristã. Por um lado, o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA), um instrumento conciliar de restauração do catecumenato dos primeiros séculos para o nosso tempo, afirma ser o anúncio do querigma a tarefa do pré-catecumenato, indicando que o método para isso é "uma conveniente explanação do Evangelho aos candidatos" (Congregação para o Culto Divino, 2002, n. 11). Nesse sentido, há uma profusão de grupos e movimentos que concebem um anúncio do Querigma feito em breves encontros, sem um acompanhamento posterior que permita seu aprofundamento por meio da inserção na comunidade cristã. Embora esses momentos possam oferecer sua contribuição ao Primeiro Anúncio, é preciso cuidar para que ele seja o fio condutor de um autêntico processo de Iniciação à Vida em Cristo que inclui a pertença a uma comunidade, não simplesmente a um movimento. Na evangelização, porém, o anúncio do querigma não pode se restringir às ocasiões em que forem possíveis a explanação do Evangelho ou a pregação sistematizada a respeito de Jesus.

A Igreja nunca deve presumir a fé como garantida, mesmo entre os batizados, mas como um dom que precisa ser alimentado e fortalecido (Francisco, 2013a, n. 6). Mas, igualmente, não deve considerar que o ser humano de hoje seja naturalmente avesso à fé. Ele é, como um ser humano da pós-modernidade, desconfiado das instituições, mas sedento pelo sentido que só em Deus pode encontrar. A crise de credibilidade da Igreja enquanto instituição, devida em grande parte a escândalos de ordem moral e, muitas vezes, a casos de instrumentalização autoritarista da fé, é um entrave ao anúncio do Querigma, que tem o poder vinculante à comunidade. Assim, uma condição fundamental para que a Igreja seja capaz de propor o Querigma à contemporaneidade é a recuperação de sua credibilidade como Instituição e como comunidade, de sua capacidade de falar *ad intra* e *ad extra*, de restabelecer seus vínculos com a sociedade e com os diferentes âmbitos da vida humana.

O recente Sínodo sobre a Sinodalidade (2021-2024) indicou a sinodalidade como um caminho para essa recuperação, na medida em que uma Igreja sinodal se mostra como uma Igreja que escuta e acolhe pessoalmente, que refaz as suas estruturas ao mesmo tempo em que dirige um olhar sensível para o ser humano de hoje, como alguém que busca o sentido da vida no transcendente, com esperança, uma Igreja que cuida da conversão de seus vínculos (Francisco; XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, 2024, p. 36). Uma Igreja disposta a tornar conhecido o amor de Deus à humanidade, tendo feito essa experiência, não pode portar-se frente à mesma humanidade com o olhar pessimista que muitas vezes permeia nossas estruturas pastorais, como se o ser humano de hoje fosse naturalmente avesso a Jesus Cristo. A Igreja propõe o querigma por meio de cada batizado que,

antes, fez a experiência profunda de encontro com o Ressuscitado e assumiu o discipulado missionário. Mas essa proposição será eficaz se, inicialmente, aquele que anuncia for capaz de acreditar que, em cada pessoa, existe uma sede profunda e fundamental que só pode ser saciada pelo amor de Deus. Por isso, a Igreja comprometida com a proposição do Querigma é, também, uma Igreja em saída missionária, disposta a aproximar-se dos que estão distantes para conhecer seus anseios mais profundos e entender de que modo poderá apresentar Jesus de maneira a evidenciar que ele responde a essa busca fundamental por sentido.

Assim, necessariamente, a proposição do Querigma precisa ser inculturada nos mais diferentes contextos e enraizada na situação histórica, social e cultural dos indivíduos a que é direcionada. Para dar um exemplo, as preocupações e prioridades de vida de um adolescente nos subúrbios das grandes cidades não são as mesmas que as de um adolescente que vive no ambiente rural; os objetivos e anseios de vida de um jovem no sul do Brasil são totalmente diferentes dos de de um jovem indígena na Amazônia brasileira. Como dizer para indivíduos tão diferentes que o amor que buscam encontra-se plenamente em Jesus? Como convidá-los a esperar a salvação, uma realidade que não vemos e que transcende nossa experiência presente? No anúncio do Querigma, não cabem uniformizações ou retrotopias: o amor de Deus e o Jesus que anunciamos são sempre os mesmos, porém, é necessário ouvir o interlocutor deste anúncio e oferecer a ele uma proposição que o leve a perceber Jesus como a resposta à sua busca de sentido mais profundo. Eis a primeira resposta à pergunta "Como?", feita anteriormente: uma escuta comprometida com um anúncio inculturado e pessoal.

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco (2013b, n. 165) ofereceu algumas pistas para o querigma na evangelização:

> A centralidade do querigma requer certas características do anúncio que hoje são necessárias em toda a parte: que exprima o amor salvífico de Deus como prévio à obrigação moral e religiosa, que não imponha a verdade mas faça apelo à liberdade, que seja pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa que não reduza a pregação a poucas doutrinas, por vezes mais filosóficas que evangélicas. Isto exige do evangelizador certas atitudes que ajudam a acolher melhor o anúncio: proximidade, abertura ao diálogo, paciência, acolhimento cordial que não condena.

Essas pistas são como um sumário que merece atenção. Em primeiro lugar, a exortação indica a necessidade de que o anúncio do amor salvífico de Deus preceda o ensinamento a respeito das obrigações morais e religiosas. Em tempos em que a experiência cristã é, muitas vezes, reduzida à prática de preceitos morais e visíveis, o compromisso com o Querigma convida a Igreja a voltar ao coração – da pessoa e do Evangelho –, entendendo a experiência cristã como o encontrar da plenitude da humanidade no amor de Deus. Anunciar o querigma é criar as condições para que a pessoa, individualmente, em seu contexto, em suas realidades próprias, carregando consigo seus anseios, suas perguntas, seus desejos, suas seguranças e inseguranças, conheça a Deus pela experiência de seu amor salvífico em Jesus. Na encíclica *Dilexit nos*, o Papa Francisco (2024, n. 25) refletia:

> [...] o coração fiel ama, adora, pede perdão e oferece-se para servir no lugar que o Senhor, à escolha, lhe dá para O seguir. Então percebe que é o 'tu' de Deus e que pode ser um 'eu' porque Deus é um 'tu' para ele. Na realidade, somente o Senhor se dispõe a tratar-nos sempre – e para sempre – como um 'tu'. Aceitar sua amizade é uma questão de coração e constitui-nos como pessoas no sentido pleno da palavra.

Recordando São Boaventura, ele continua lembrando que "a fé está no intelecto de tal modo que provoca o afeto. Por exemplo: saber que Cristo morreu por nós não permanece (somente) conhecimento, mas torna-se necessariamente afeto, amor" (Francisco, 2024, n. 26). Assim, por mais que o anúncio de Jesus Cristo possa passar por uma sistematização intelectual e retórica a respeito de quem ele foi e do significado teológico da salvação que ele oferece, a fé brota da experiência afetiva de ser amado por Ele, que

nos amou e continua a nos amar. O encontro com Jesus não se constrói primeiramente na mente reflexiva, mas no coração que dá o passo do encontro com uma alteridade, com aquele que é totalmente Outro e, assim, possibilita à pessoa ser, enfim, um eu. Se hoje lamentamos a fluidez da pertença eclesial por parte de muitos e a falta de autenticidade na vida cristã, é porque, em algum momento, demos primazia a outros anúncios, dentre os quais a apresentação das exigências morais sem subsidiá-las como livres opções a partir do fundamento único da adesão ao amor de Deus que nos alcança e salva em Jesus Cristo.

Depois, a *Evangelii Gaudium* menciona a necessidade de que o anúncio do querigma faça o apelo à liberdade (Francisco, 2013b). Na perspectiva da escuta do ser humano contemporâneo, a Igreja haverá de perceber, também, que o indivíduo de hoje, mais do que nunca, é regido pela liberdade que a modernidade conquistou para ele, ao mesmo tempo em que é aprisionado pelas lógicas contemporâneas do individualismo, do hedonismo e do mercado. De um lado, é um indivíduo livre em suas concepções e pensamentos, em seus discursos e escolhas, em suas opções morais e em seus credos. De outro lado, é um indivíduo carente da segurança que as instituições e os discursos de outrora ofereciam. O anúncio do querigma não é instrumento para criar dependência por meio do apelo sentimentalista e fundamentalista a essa carência de segurança, mas é proposição: tem como prerrogativa a liberdade, cria vínculos na liberdade e propõe uma nova concepção de liberdade na pertença. Resguardar a liberdade no assentimento de fé daquele que ouve o anúncio é, inicialmente, reconhecer que o anúncio do Querigma é apenas eco do anúncio que o próprio Jesus fez de si mesmo, que foi sempre convite amparado em promessa: "Vinde e vede" (Jo 1,39); é também confiar na ação do Espírito, que desperta a fé como dom. Mas é também uma forma de criar vínculos que são realmente autênticos. Num passado não tão distante, as pessoas eram católicas por obrigação – por tradições familiares ou mesmo superstição – e isso não significava maior autenticidade na opção cristã. A adesão de fé na liberdade cria vínculos sólidos e comprometidos, esses mesmos tão necessários à comunidade de hoje.

Em seguida, a *Evangelii Gaudium* afirma a necessidade de que o anúncio do Querigma seja "pautado pela alegria, o estímulo, a vitalidade e uma integralidade harmoniosa" (Francisco, 2013b, n. 165). É preciso reconhecer que ninguém poderá propor o querigma de forma autêntica e credível antes de fazer a experiência verdadeira do amor de Deus em Jesus – do contrário, o que pareceria proposição do Querigma seria, na verdade, um ensinamento intelectual ou até emotivo sobre Jesus, mas vazio do aspecto místico do encontro pessoal que se transforma em impulso missionário e atualiza a presença do próprio Cristo que chama e convida ao discipulado. Se a experiência do autêntico encontro está na origem da missão, ela é preenchida daquela "alegria do Evangelho [que] enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus" (Francisco, 2013b, n. 1). Paulo dizia: "Ai de mim, se eu não evangelizar" (1Cor 9,16). O ímpeto do anúncio da experiência pascal é o auge da experiência profética do serviço à Palavra de Deus, como registrara Jeremias: "No meu coração, a sua palavra era um fogo devorador, encerrado nos meus ossos. Esforçava-me por contê-lo, mas não podia" (Jr 20,9).

Infelizmente, no cotidiano pastoral, muitos dentre os que têm a responsabilidade do anúncio, seja em ministérios leigos, seja no ministério ordenado, não fizeram a experiência de acolhimento autêntico do Querigma e, por isso, dão lugar à autorreferencialidade, aos autoritarismos, a abusos de diversas ordens e a uma amargura que atravessa os discursos e as relações, impedindo que Jesus Cristo seja anunciado com vitalidade. Por outro lado, não são capazes de anunciar com gratidão e alegria o dom do encontro (Conselho Episcopal Latino-americano e Caribenho, 2007, n. 14), estando sempre, como dizia o Papa Francisco, numa Quaresma sem Páscoa (Francisco, 2013b, n. 6). A falta da alegria genuína que se vive na paz do Ressuscitado implica um anúncio do

querigma que ora se assemelha a um discurso intelectualizado demais, como se Jesus fosse simplesmente uma personagem da literatura ou uma personalidade histórica; ora se assemelha a um discurso espiritual, mas é apenas emotivo, incapaz de falar ao coração e sem a autenticidade da espiritualidade pessoal; ora, infelizmente, é feito por meio de uma práxis dissociada da espiritualidade e que se torna, portanto, incapaz de demonstrar que a fonte do amor feito caridade está na experiência de encontro com Jesus Cristo.

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco (2013b, n. 177) afirmara também que:

> O querigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade.

Portanto, não é possível restringir o anúncio do querigma à esfera da intelectualidade ou da individualidade, mas é preciso demonstrar que a experiência do amor salvífico de Deus em Jesus torna-se completa no estabelecimento de relações fraternas, nas quais a vivência do amor humano torna-se o lugar para o conhecimento do amor divino. Na encíclica *Dilexit nos*, o Papa Francisco (2024, n. 28) havia refletido que o nosso coração, unido ao de Cristo, nesta experiência do amor, é capaz de um "milagre social", qual seja, o dos relacionamentos saudáveis e felizes, a fim de experimentarmos, aqui neste mundo, os sinais do Reino. Desse modo, a consciência do amor de Deus em Jesus, desenvolvida a partir do coração, é uma experiência fundante que permite ao ser humano encontrar o sentido verdadeiro de si mesmo e, paradoxalmente, embora seja uma experiência absolutamente pessoal, abre o indivíduo à sede pela comunidade.

> Não se deve pensar nesta missão de comunicar Cristo como se fosse algo apenas entre mim e Ele. Ela é vivida em comunhão com a própria comunidade e com a Igreja. Se nos afastarmos da comunidade, afastamo-nos também de Jesus. Se a esquecermos e não nos preocuparmos com ela, a nossa amizade com Jesus arrefecerá [...]. Os atos de amor para com os irmãos e irmãs da comunidade podem ser a melhor ou, por vezes, a única forma possível de exprimir aos outros o amor de Jesus Cristo (Francisco, 2024, n. 212).

Assim, embora as palavras "anúncio" e "proclamação", associadas ao querigma, nos façam pensar imediatamente em um anúncio feito com palavras, o querigma não deve ser compreendido, na evangelização como um todo, unicamente como um tratado ou um conjunto de verdades intelectualmente transmitidas. É claro que o acolhimento do querigma, em alguns contextos, poderá ser favorecido pela apresentação sistematizada da pessoa de Jesus a partir dos enunciados do Evangelho, mas o cerne da proposição do querigma está em fazer conhecido o amor de Deus tal como ele nos foi revelado em Jesus Cristo, como salvação ao mesmo tempo sinalizada aqui e esperada para o futuro. Portanto, apresentar o querigma é fazer este amor conhecido pela experiência, mesmo que a pessoa ainda não seja capaz de nomear sua fonte como Jesus Cristo. A experiência do amor precede. Assim, o anúncio do querigma não consiste hoje em explicar às pessoas como Jesus nos amou, mas em possibilitar às pessoas de nosso tempo uma experiência desse amor, por meio da qual o interesse por Jesus possa se despertar. A explicação pode ser um segundo passo que ajudará na explicitação da fé, no caminho da adesão a Jesus. Foi assim com os discípulos em Emaús: quando reconhecem o Mestre, entendem a experiência outrora feita: "não ardia o nosso coração...?" (Lc 24,32).

O Papa Francisco (2024, n. 33) recorda que Jesus não nos explicou exaustivamente como amar, ou como ele nos amou, mas demonstrou isso com seus gestos. Então, a Igreja que deseja tornar conhecido o amor de Deus às pessoas de seu tempo é aquela que necessariamente anunciará o querigma reproduzindo os gestos pelos quais o próprio Jesus tornou conhecido o amor do Pai. São necessários ao anúncio, portanto:

> A dedicação de uma escuta atenta, capaz de reconhecer e respeitar o outro com tudo o que carrega consigo e que o faz ser quem é, inclusive com suas buscas

> interiores, seus devaneios, seus caminhos trilhados, suas dúvidas, suas inseguranças. Jesus nunca considerou vãs, vazias, fúteis, as experiências daqueles com quem se encontrava, por isso, sua escuta era um primeiro gesto de amor que transformava;
>
> Um olhar profundo e comprometido, capaz de estabelecer o intercâmbio entre um ser e outro; há que se considerar que o enraizamento desses dois elementos na Igreja contemporânea aponta para um modo sinodal de ser Igreja, segundo o qual há conversão nas relações, uma conversão na direção de Jesus Cristo;
>
> O serviço que Emmanuel Levinas chama de ser-para-o-outro, o lavar os pés, o abaixar-se diante do menor, do mais triste e sofrido;
>
> A proximidade e a compaixão que o fizeram sentir as dores e alegrias de todos os que cruzaram seu caminho;
>
> O consolo, a calmaria e, sobretudo, a misericórdia, que reintegrou os que eram marginalizados pelas lógicas sociais e, inclusive, religiosas, excludentes; o enraizamento local desses elementos, necessariamente, em tempos de crise climática, deve entender o grito dos pobres e o grito da terra como um único clamor;
>
> O diálogo jamais negado a quem quer que seja, por mais diferente que seja;
>
> A fraternidade, que dá ao outro a oportunidade de ser um Tu;
>
> Por fim, o amor que se faz entrega de si em favor do outro. A palavra de amor mais eloquente – diz o Papa Francisco – é a cruz (Francisco, 2024, n. 46).

Nesse sentido, qualquer separação entre fé e vida será contraproducente ao anúncio do Querigma. A religiosidade contemporânea, sobretudo na Igreja Católica, tende a essa separação. De um lado, privilegiar um entendimento de fé somente na esfera do abstrato e pessoal, com uma fé que não se traduz no estabelecimento de relações fecundas, torna o amor de Deus uma ideia, se não o traduz em uma experiência de amor fraterno e caridade, que é a experiência humana que pode dar a conhecer o amor de Deus, ainda que não seja equivalente ao amor divino. Por outro lado, a vivência do amor-caridade que não se alimenta de uma espiritualidade torna-se incapaz de demonstrar que a fonte do amor fraterno é o amor salvífico de Deus que, por Jesus, toca e transforma a humanidade.

6 Considerações finais

Não obstante, nos itinerários de Iniciação à Vida Cristã, Querigma e Mistagogia sejam tratados como tempos distintos e separados, é ainda necessário reconhecer que eles possuem um vínculo significativo. A Mistagogia é a inserção no Mistério a partir da Liturgia celebrada, partindo da forma como o símbolo e o rito interpelam a pessoa como um todo, levando-a de uma vida comum à experiência da imersão no Mistério. Porém, afirma o Papa Francisco (2013b, n. 166), ainda na *Evangelii Gaudium*, a "necessidade duma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa" e, a respeito dessas renovadas formas de mistagogia, ele afirma serem necessários, para além da centralidade do anúncio da Palavra, uma motivação atraente, o uso de símbolos eloquentes e a integração de todas as dimensões da pessoa num caminho comunitário de escuta e resposta (Francisco, 2013b, n. 166).

Nestes termos, portanto, sua reflexão está em consonância com os três pilares da mistagogia outrora indicados por Bento XVI (2007, n. 64), na *Sacramentum Caritatis*: centralidade da Palavra, uso de símbolos e integração entre fé e vida. Assim, quando falamos do anúncio do Querigma – que é anúncio do Mistério –, torna-se necessária uma via de anúncio que deve ser essencialmente mistagógica, segundo a etimologia mesma da palavra: condução para o mistério ou condução pelo mistério. Àqueles que, ainda não introduzidos à comunidade, não celebram o Mistério cristão, esta linguagem talvez não parta propriamente dos ritos, mas da tríade Palavra – símbolo – vida, constituindo, assim, também uma via de imersão no Mistério a partir do rito da vida, por assim dizer.

A compreensão desses dois eixos fundamentais – Querigma e Mistagogia – como caracterizadores da inspiração catecumenal exige a criatividade nas formas de atualização, para além da noção da perenidade dos dois tempos.

Nesse sentido, o encontro de Jesus com a Samaritana em Jo 4,1-42 apresenta-se como um protótipo: para estabelecer o diálogo, Jesus faz um pedido concreto: "Dá-me de beber" (Jo 4,7). Ele não tinha como fazer um pedido mais simples, mais palpável, do que pedir de beber a uma mulher que tinha um balde e estava indo tirar água de um poço. Mas, a partir do mote daquela água fresca ao sol da hora sexta, ele a introduz no Mistério que é Ele mesmo: da água de beber (Jo 4,7), ele passa para uma água viva (Jo 4,10), depois para uma água que sacia eternamente e torna-se uma fonte incessante (Jo 4,14), depois demonstra conhecer aquela com quem fala (Jo 4,16), e, enfim, na discussão a respeito do lugar da adoração, ele responde a uma questão fundamental que ela, como todo samaritano, carregava consigo. E, ao dar a resposta a uma questão tão fundamental para ela, ele finalmente pode revelar-se: "Sou eu, que falo contigo" (Jo 4,26). No mesmo instante (Jo 4,27), diz o Evangelho, ela deixa suas buscas anteriores e, transformada pelo encontro com o Messias, torna-se anunciadora.

No diálogo estabelecido por Jesus, há um crescente de revelação, que começa pelo mote de um símbolo muito concreto, palpável, cotidiano e muito conhecido de sua interlocutora. Por meio da linguagem simbólica, Jesus a conduz ao mergulho num Mistério que, se anunciado logo na chegada, apenas provocaria estranheza e jamais curiosidade ou adesão. A Samaritana corresponde ao diálogo com Jesus porque o símbolo desperta sua sensibilidade ao Mistério e o traduz para ela, enquanto ele ainda não se torna uma experiência vivida e, enfim, celebrada.

O anúncio de Jesus Cristo ao ser humano contemporâneo deve seguir o mesmo método: é preciso que o anúncio do Mistério de Cristo parta de símbolos e sinais sensíveis e concretos, enraizados na vida cotidiana e que possam apontar para as realidades últimas que o Querigma anuncia. A mistagogia principiará pelo anúncio a partir dos símbolos e sinais da vida, para depois alcançar seu ápice na celebração litúrgica participada por aqueles que, aderindo ao anúncio de Jesus, forem inseridos na comunidade cristã. A proposição do amor de Deus não pode ser uma ideia abstrata, ensinada como um conteúdo teológico, mas o cume de um diálogo que interpele a pessoa a partir de um sinal concreto do amor fraterno, por exemplo, ou do amor que se faz caridade. A salvação e a vida eterna, de igual forma, devem ser realidades anunciadas a partir de pequenos sinais salvíficos em um mundo que aponta para a morte na segregação, na exclusão, na rejeição. O Reino de Deus deve ser anunciado a partir de seus sinais que marcam o mundo contemporâneo: a prevalência da fraternidade sobre o individualismo, do serviço sobre o poder, do acolhimento e da escuta sobre a violência e a indiferença.

Tornar a proposição do querigma de novo sua primeira e fundamental tarefa, portanto, reposiciona a Igreja no mundo contemporâneo como uma instituição que faz sentido, para si e para o mundo, sobretudo em tempos nos quais a influência sobrepõe-se à proposição. Ela torna a ser de novo a instituição que prefere ser comunidade, como foi a comunidade primitiva – que não pode abandonar suas estruturas institucionais e até burocráticas, mas que as entende de forma nova, orientada à sua tarefa primordial que é a missão de proposição do querigma. Uma Igreja querigmática é uma Igreja que se compreende, de novo, como um pequeno rebanho de crentes que não herdaram a fé pela obrigação ou pela convenção social, mas pela Tradição do anúncio e pela adesão livre e pessoal. É uma Igreja que volta ao essencial e que preza mais pela autenticidade da adesão do que pelo número de adeptos. É uma Igreja, enfim, que vive como comunidade dos que foram impulsionados e transformados pelo amor de Deus que convida à salvação e envia à missão. O compromisso com o Querigma confere ao discurso eclesial nova credibilidade porque, enfim, torna a Igreja capaz de dialogar com o ser humano contemporâneo

a partir de suas perguntas fundamentais, atuais e relevantes, com uma linguagem, ao mesmo tempo, universal e salvífica, a linguagem que primeiro Deus usou para comunicar-se conosco: a linguagem do amor. Afinal, como diz a Primeira Carta de João: "Quanto a nós, amamos, porque Deus nos amou primeiro" (1Jo 4,19).

Referências

BENTO XVI, Papa. *Carta encíclica Deus Caritas Est*. Vaticano, 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 4 ago. 2025.

BENTO XVI, Papa. *Exortação Apostólica Sacramentum Caritatis*. Vaticano, 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 4 ago. 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. Vaticano, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 4 ago. 2025.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Ritual da Iniciação Cristã de Adultos*. São Paulo: Paulus, 2002.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO E CARIBENHO. *Documento de Aparecida*: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Dilexit Nos*. Vaticano, 2024. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/20241024-enciclica-dilexit-nos.html. Acesso em: 4 ago. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Lumen Fidei*. Vaticano, 2013a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html. Acesso em: 4 ago. 2025.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Vaticano, 2013b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 4 ago. 2025.

FRANCISCO, Papa; XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos. *Para uma Igreja sinodal*: comunhão, participação, missão: documento final. Vaticano, 26 out. 2024. Disponível em: https://www.synod.va/content/dam/synod/news/2024-10-26_final-document/POR--Documento-finale.pdf. Acesso em: 9 jun. 2026.

LEÃO XIV, Papa. *Primeira bênção urbi et orbi do Papa Leão XIV*. Vaticano, 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/urbi/documents/20250508-prima-benedizione-urbietorbi.html. Acesso em: 9 jun. 2026.

LINDER, Agnes; MANICARDI, Ermenegildo. Anúncio. *In:* PENNA, Romano; PEREGO, Giacomo; RAVASI, Gianfranco (org.). *Dicionário de temas teológicos da Bíblia*. São Paulo: Loyola: Paulus: Paulinas, 2022. p. 96–104.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi.* Vaticano, 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 4 ago. 2025.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2020.

Mariana Aparecida Venâncio

Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG, Brasil. Doutora em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil. Professora do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereço para correspondência

Mariana Aparecida Venâncio

Rua Professor Cristiano Fisher, n. 2272

Partenon, 91530-034

Porto Alegre, RS, Brasil

Como citar este artigo

Venâncio, M. A. A partir do coração do Evangelho: a proposição do querigma hoje. Teocomunicação, e50037. https://doi.org/10.15448/0103-314X.2026.1.50037

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.